Capítulo 1: Heresia referente à divindade do espírito do homem

A gnose e o professor Borella afirmam justificar, por meio dessa antropologia tripartida, a divindade do espírito humano. A realidade divina do espírito é sutilmente afirmada neste texto: "se o espírito é o que há de divino no homem, não podemos admitir que em Jesus Cristo ele seja Deus em si mesmo?" (p. 186), ou formulada de forma clara aqui: "Em outras palavras, e para falar claramente, no fundo do ser criado, em seu coração mais íntimo, há algo não criado e divino" (La Pensée Catholique, No 180, p. 55). Além disso, para completar o infortúnio, segundo a gnose, a pessoa humana é divina, pois "a essência da pessoa humana é espiritual e não psíquica" (p. 149), e como o professor Borella considera sobrenatural tudo o que está acima do psique, a pessoa humana, que é espiritual, também é sobrenatural e divina, o que lhe permite concluir que o homem tem "um Eu divino, polo da peregrinação espiritual, que nos dá um novo Eu humano sobrenatural" (p. 138).

Para a gnose, a pessoa (o Eu pessoal) é o ser espiritual, o rosto de Deus, como o senhor Borella manifesta em sua linguagem confusa: "esse rosto de Deus que só eu vejo, esse rosto de Deus desconhecido por todas as outras criaturas, visível apenas para meu ser espiritual, ou melhor, que é esse ser em si mesmo, que é a pessoa verdadeira, esse segredo que constitui o ser pessoal como tal, que institui a pessoa no ser" (p. 138).

O fundamento da pessoa, o constituinte essencial, é o Eu divino: "o Eu divino, fundamento único de nossa pessoa" (p. 142)....

Para a gnose, o intelecto é uma faculdade naturalmente sobrenatural, como afirma o professor Borella: "O intelecto designa uma faculdade de conhecimento 'naturalmente sobrenatural'" (p. 161), também ao explicar o sentido que as realidades sobrenaturais podem ter para o homem: "é pelo intelecto naturalmente sobrenatural que as realidades sobrenaturais têm significado para um ser natural, caso contrário, elas permanecem como se não fossem" (p. 161). Isso significa que se não houvesse algo sobrenatural ou divino no homem (espírito-intelecto), o sobrenatural perderia todo o seu significado; portanto, é do intelecto naturalmente sobrenatural que as realidades sobrenaturais derivam seu significado. Essas são as conclusões da antropologia (gnóstica) do senhor Borella:

> "Fiel às conclusões de nossa antropologia, propomos considerar as coisas da seguinte maneira - uma vez admitidas as variações marginais de vocabulário. O espírito designa a vida divina na criatura, conforme sua dimensão mais interior..." (p. 161).

Dessa forma, o professor Borella reafirma a concepção herética da gnose que faz do homem um Deus:

> "O homem não é apenas Deus para o mundo, mas também em si mesmo" (p. 144).

Além disso, o intelecto, segundo a gnose, tem como essência o conhecimento divino:

> "Neste texto famoso (Rom. 7, 22-25), o intelecto aparece claramente em sua natureza verdadeira: ele é, por essência, conhecimento divino" (p. 162).

O professor Borella, com sua antropologia gnóstica tripartida, cai no grande erro do apolinarismo, embora pretenda evitá-lo, pois nega que a alma intelectual seja humana, considerando que a natureza humana de Cristo é constituída pelo corpo e pela alma animal (ou sensitiva), enquanto a alma intelectual (o espírito) é divina, sendo ela que constitui a pessoa. O erro de Borella reside no fato de ele confundir a noção metafísica de 'esse' (o ser) com a da alma intelectual ou espiritual (o espírito), o que, aplicado a Jesus Cristo, o leva a renovar a heresia de Apolinário.

Monsieur Borella explica seu ponto de vista através da seguinte reflexão:

> "O princípio inteligente e livre é o noûs ou pneuma, identificado com a pessoa. Daí resulta que Cristo não possui um noûs humano; ele possui, como homem, apenas um corpo e uma alma animal. Quanto ao noûs em Cristo - é assim que o tricotomismo [1] de Apolinário resolve essa dificuldade cristológica - é o Verbo ele mesmo: 'A humanidade de Jesus Cristo é composta por um corpo (sôma) e uma alma animal (psyché), sendo o Verbo ele mesmo seu noûs e pneuma'... Vemos toda a complexidade da questão, e se alguém seguiu nossa exposição de antropologia, entenderá que talvez haja uma maneira de considerar a doutrina apolinariana que não seja claramente herética: se o espírito é o que há de divino no homem, não podemos admitir que em Jesus Cristo ele é Deus ele mesmo?" (p. 186).

Para o professor Borella, a forma de evitar a heresia de Apolinário é seguir a antropologia gnóstica tripartida que distingue no homem o corpo (sôma), a alma (psyché - alma animal ou sensitiva) e o

espírito (pneuma, noûs - alma intelectiva ou espiritual), de modo que o espírito é sempre divino e não criado, embora reduzido a uma centelha devido ao pecado original. Assim, a humanidade de Jesus Cristo é constituída pelo corpo e pela alma animal, enquanto a divindade é constituída pelo espírito (alma intelectual), que por sua vez se identifica com a pessoa divina do Verbo. O erro metafísico do professor Borella poderia ser mais grave teologicamente, sendo uma heresia comparável apenas à de Apolinário, bispo de Laodiceia.

Para lembrar qual foi o erro da heresia apolinarista, citamos o artigo do Dicionário de Teologia Dogmática de P. Parente:

> "Apolinário começou combatendo o arianismo, sustentando que Cristo era verdadeiramente Deus encarnado, ou seja, o Verbo, Filho de Deus unido à natureza humana. E para melhor defender a união entre o elemento divino e o elemento humano, ele segue o conceito de uma natureza humana apenas composta de carne e alma sensível: nessa natureza, o Verbo assume a função da alma intelectiva (= noûs)."

É exatamente isso que Monsieur Borella propõe, nem mais, nem menos.

No Dicionário de Teologia Católica, encontramos exatamente a mesma coisa:

> "Apolinário o Jovem começou por ser um dos campeões do Concílio de Niceia, um dos companheiros de armas de Santo Atanásio. Mas seu ardor em combater o arianismo o levou ao erro oposto... e apoiando-se, como era um helenista refinado, na tricotomia platônica, ele negou ao Redentor, se não um corpo humano com a alma sensível que o anima, pelo menos uma alma racional, noûs ou pneuma, pois assim, segundo Apolinário, a própria divindade o substitui" (T.I, col. 1506).

A condenação da doutrina de Apolinário foi formulada pela Igreja nos seguintes termos:

> "Também Apolinário, que, entendendo que se negar que a alma, que anima o corpo em Cristo, não teria existido lá na verdadeira humanidade, colocou apenas a alma sensitiva, mas o Verbo de Deus detinha o lugar da alma racional." (DS 1343)

A tripartição antropológica da gnose do professor Borella não é apenas um erro filosófico, mas também uma heresia:

> "Que qualquer um que se atreva doravante afirmar, defender ou sustentar obstinadamente que a alma racional ou intelectiva não é por si mesma e essencialmente a forma do corpo humano, seja considerado herege." (DS 902), declarado no 15º Concílio Ecumênico em 1312.

E que não se diga que ele não fala do espírito, que é precisamente o assunto aqui, já que o 12º Concílio Ecumênico de 1215 considera o espírito igual à alma intelectual ao afirmar:

> "O criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, espirituais e corporais, que pela sua virtude onipotente criou simultaneamente desde o início do tempo, do nada, ambas as criaturas, espiritual e corporal, comum de espírito e corpo constituído." (DS 800)

Além disso, se a alma intelectual não fosse espiritual ou não fosse espírito, sua imortalidade seria negada, o que também é condenado:

> "Damos sentença de condenação e rejeição contra todos os que afirmam que a alma intelectual é mortal..." (DS 1440)

A alma intelectual ou racional é imortal por ser espiritual (ou espírito).

E se separarmos a alma intelectual da alma psíquica, como faz a gnose, afirmamos que a alma intelectual (espírito) não é a forma do corpo, e então caímos na condenação anterior que reprova como herética a afirmação de que a alma intelectiva não anima o corpo humano essencialmente por si mesma.

A condenação atinge como um raio fulminante a tripartição gnóstica do professor Borella, que separa no homem a alma intelectual (espírito) da alma psíquica do corpo humano (alma sensível ou animal) e nega que a alma intelectual (espírito) seja a forma do corpo, caindo assim sob a condenação de herético (Ds. 902). Não há escapatória para a gnose de Borella.

A gnose não admite que a alma intelectual (espírito) seja o princípio de vida do corpo humano, o que não pode ser negado sem que haja erro contra a fé (cf. Ds. 2833), e por essa razão a condenação do XV Concílio Ecumênico de Viena é definitiva (Ds. 902).

---

[1] Significa que o homem é composto por três substâncias: o corpo, a alma e o espírito, conforme o próprio Borella (cf. p. 167).

Revision #4
Created 5 July 2024 03:11:10 by Admin
Updated 5 July 2024 04:16:57 by Admin